



RELICI

## **OS PROCESSOS FORMATIVOS E AUSÊNCIA DE PENSAMENTO CRÍTICO: A BUSCA DE VIDA INTELIGENTE EM OUTROS PLANETAS E O ENCONTRO COM A “VIDA BURRA” EM NOSSO PLANETA<sup>1\*</sup>**

*Rogério Rodrigues<sup>2</sup>*

GRAY, James. *Ad Astra* (Rumo às Estrelas).  
USA: Plan B Entertainment, 20th Century  
Fox, Regency Enterprises, Polybona Films, 2019.

### **RESUMO**

O objetivo deste ensaio é apresentar uma análise do filme “*Ad Astra* (Rumo às Estrelas)”, dirigido por James Gray. A análise deste filme se justifica ao colocar em discussão a forma de pensar o campo das relações que se estabelecem entre os sujeitos, principalmente, na obsessão pelas certezas que demarcam a vida inteligente e a vida “burra” no modo de existir como sujeito. Essa proposição da polaridade entre a inteligência e a burrice apresenta-se como forma de olharmos para nós mesmos e nos perguntamos sobre o modo como vivemos uns com os outros. Portanto, em diversas cenas do filme, coloca-se em evidência o estranhamento no modo como fazemos as coisas para obter resultados em nossas buscas. Em termos de conclusão, fica em aberto a discussão sobre o que seria a construção da vida inteligente, em oposição a nossa “burrice” em existir, que nos tornam completamente intolerantes e sem nexos no modo de viver com a presença do outro.

**Palavras-chave:** ética, filosofia da educação, inteligência, burrice, emancipação.

### **ABSTRACT**

The aim of this essay is to present an analysis of the film “*Ad Astra*”, directed by James Gray. The analysis of this film is justified by putting into discussion the way of thinking about the field of relations that are established between subjects, mainly in the obsession for certainties that demarcate intelligent life and “foolish” life in the way of existing as a subject. This proposition of polarity between intelligence and stupidity

---

<sup>1</sup> Recebido em 13/11/2019.

\* Agradecimento retirado do texto.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Itajubá. rrunifei@hotmail.com

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. 3, p. 135-143, set-dez, 2020

ISSN: 2357-8807



RELICI

136

is presented as a way of looking at ourselves and we ask ourselves about the way we live with each other. Therefore, in several scenes of the film, the strangeness in the way we do things to obtain results in our searches is highlighted. In terms of conclusion, the discussion remains open about what would be the construction of intelligent life, in opposition to our "foolishness" in existing, which makes us completely intolerant and unrelated in the way we live with the presence of the other.

**Keywords:** ethics, philosophy of education, intelligence, foolishness, emancipation.

## **INTRODUÇÃO: A BUSCA DA VIDA INTELIGENTE**

O que seria a proposição da busca da vida inteligente em outros planetas do universo? Em poucas palavras, podemos definir que a busca de vida inteligente em outros planetas seria a tentativa de encontrar a presença de algo aquém ou além de espécies orgânicas de animais ou plantas, em escala microscópica ou macroscópica, que encontramos em nosso próprio planeta e, principalmente, que possa indicar a existência de vida que tenha semelhança com a nossa experiência de existência como espécie humana.

Para grande parte do senso comum, considera-se que a vida inteligente somente pode ocorrer como algo que possa corresponder à condição de atender ao estímulo externo e que, em alguns casos, possam se estabelecer respostas nas formas de comunicação ou níveis de interações entre si e com os outros. Entretanto, uma forma mais criteriosa de se pensar sobre a existência de vida inteligente deveria levar, até as últimas consequências, em consideração que qualquer estrutura de ser vivo organizacional seria algo que possa interagir e, portanto, constituir-se em forma de inteligência.

Neste contexto, temos, em nosso planeta, uma enorme diversidade de espécies que representam os caminhos possíveis decorrentes do processo da evolução das espécies, contudo, paradoxalmente, muito pouco se observa sua forma de vida como algo peculiar da evolução das espécies como, por exemplo, o caso das árvores, pois "Quando você sabe que as árvores sentem dor, têm



RELICI

memória, vivem com seus familiares, não consegue simplesmente cortá-las e matá-las com máquinas grandes e furiosas (WOHLLEBEN, 2017, p. 8).

A grande questão se passa com a presença do amor, que possibilita que se estabeleçam tipos de vínculos e, portanto, este sentimento se apresenta como forma condizente para que se construam os processos identificatórios com as outras espécies de vida presentes em nosso planeta. Sobre essa questão do vínculo que se possa estabelecer entre os sujeitos e as demais espécies de vida, em nosso planeta, podemos afirmar que

[...] não é possível pensar em relações solidárias sem vínculos identificatórios e reconhecimento de diferenças, operando em movimentos simultâneos. Quando não se pode reconhecer o semelhante enquanto outro, busca-se construir unidades coesas, pela via da definição de identidades, atuando o que Freud denominou narcisismo das pequenas diferenças, em que o outro é investido como estranho absoluto, objeto de ódio e de movimentos de destruição, seja por anulação, exclusão ou incorporação devoradora (apropriam-se as qualidades, fazendo desaparecer o outro enquanto outro) (CAVALCANTI, 2000. p. 135).

O que se projeta na busca de vida inteligente seria, em parte, algo relativo ao campo dos vínculos e que afeta diretamente o sentimento de reconhecimento ou não reconhecimento da diversidade de espécies de plantas e animais, em nosso planeta, o que condiz com um processo de perda de sensibilidade perante a existência das demais espécies de vida, pois somente aqueles com traços de inteligência é que apresentam sentido de vida. Isso condiz com uma neurose do homem, ao se propor a busca de vida inteligente fora da Terra similar a suas experiências de existência e que possa se comunicar de forma semelhante aos humanos.

Os próprios humanos se encontram inseridos numa história natural, em que, a partir dos estudos publicados, em 1859, sobre “a origem das espécies” (DARWIN, 2000), considera-se o homem um descendente direto de outras espécies animais, ou seja, possuidor de um estreito vínculo com todo o reino animal. Assim sendo, na linha do pensamento darwinista, o homem seria o resultado de todo um processo



RELICI

138

evolutivo. Sua descendência não estaria limitada somente ao plano morfológico, mas também ao estado emocional de outras espécies.

A perda de vínculo do amor perante o outro apresenta-se também como um elemento central na construção da “burrice”, ao não identificar a importância do outro. Essa condição de insensibilidade é algo que também resulta em não encontrar outras formas de vida inteligente, pois, como pode encontrar a mesma em outros planetas, se não consegue identificar a mesma ao seu lado?

Alguém que consegue identificar o outro como vida inteligente e comunicativa possui condições para a compreensão ou esperança de que isso possa se realizar com outras formas de espécies distintas de nossa própria maneira de ser humano.

### **DISCUSSÃO: O FILME *AD ASTRA* (RUMO ÀS ESTRELAS) COMO PROPOSTA PARA SE PENSAR A BUSCA DE VIDA INTELIGENTE E O ENCONTRO DA VIDA “BURRA”**

Os estudos sobre a busca de vida inteligente poderiam estar relacionados a encontrar algo semelhante em estágios anteriores, sob a forma de bactérias, mas que provavelmente possa caminhar em alterações orgânicas e se diferenciar no sentido de evoluir para estágios mais avançados, próximos à forma da inteligência humana.

Torna-se curioso observar que o processo evolutivo apresenta a determinação de hierarquia, em termos dos menos ou mais evoluídos, e indica a passagem desses estágios como se fossem um caminho único a ser direcionado para diversidade de espécies de animais e plantas existentes em seu estágio ampliado de evolução.

Analisando a questão paradoxal dessa condição que se estabelece nessa busca de vida inteligente e o encontro da vida burra, seria o resultado da



RELICI

139

insensibilidade compreender a presença de várias espécies de animais e plantas como formas complexas de vida. Essa condição de não reconhecimento da vida em outras formas de espécies se constitui naquilo que podemos denominar como a incapacidade ou ausência de pensamento crítico. Isso se apresenta na condição de não querer pensar a si mesmo como uma espécie casual perante os imprevistos que se encontram presentes e, portanto, em termos de evolução das espécies, não temos uma linha demarcatória estabelecida e nada podemos afirmar sobre os caminhos ou continuidades numa escala longa de bilhões de anos.

Neste contexto, para se compreender a “burrice” partimos do conceito de que ela é um “ponto cego” que impede o sujeito de pensar criticamente a questão da vida (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.121).

O elemento que pode estagnar o sujeito a pensar que a vida pode se relacionar com o elemento comum que se encontra presente quando uma criança olha para o pai e busca encontrar algum significado no seu modo de fazer as coisas. Para Freud (1996), isso condiz com o processo de identificação, em que,

[...] quando o indivíduo, na medida do seu crescimento, liberta-se da autoridade dos pais, incorre numa das conseqüências mais necessárias, como também uma das mais dolorosas que o curso do seu desenvolvimento acarreta. É absolutamente inevitável que a dita liberação se leve a cabo, a ponto de que deve ter sido cumprida em determinada medida por todos aqueles que têm alcançado um estado normal. Até mesmo o progresso da sociedade repousa essencialmente nesta oposição das gerações sucessivas. Por outra parte, existe certa classe de neuróticos cujo estado se acha evidentemente condicionado ao fracasso dessa tarefa (FREUD, 1996, p. 1361).

O impedimento dessa ruptura, perante a autoridade do pai ou a dificuldade em lidar com os seus determinantes, talvez se faça presente na trama de vida de cada sujeito. Essa condição de lidar com aspectos do singular de cada sujeito é que torna o filme do diretor James Gray algo peculiar, como demonstra na sua carreira na direção de outros filmes “[...] nos últimos 25 anos: “Z: a cidade perdida” (2017),



RELICI

140

“Era uma vez em Nova York” (2003), “Amantes” (2008), “Os donos da noite” (2007) e “Caminho sem volta” (2000)” (FONSECA, 2019).

Neste contexto, o filme intitulado *Ad Astra* (Rumo às Estrelas) gira em torno da narrativa de algo perdido, no campo dos afetos, nas relações familiares, em quem Roy, personagem principal, busca encontrar algum significado em suas viagens pelo sistema solar (GRAY, 2019). Ele se encontra preso ao sonho neurótico do pai, que buscou por muito tempo a vida inteligente em outros planetas e partiu numa expedição da qual nunca retornou.

Essa determinação do pai de Roy na busca de vida inteligente promoveu uma guerra na expedição, pois, em decorrência dos resultados da missão, não ser encontrada vida inteligente, muitos decidiram voltar para a Terra. Entretanto, somente o pai de Roy se apresentou determinado e teimoso na missão e, para evitar o retorno da espaçonave à Terra, resolveu matar toda a tripulação com a depressurização da cabine, em parte da espaçonave, e isso se constituiu no resultado de sua obsessão, ficando sozinho na missão na busca da vida inteligente. O resultado dessa disputa em guerra na expedição produziu um desequilíbrio no reator da espaçonave, que teve como resultado a emissão de raios cósmicos, que começaram a atingir a Terra e a causar danos irreparáveis, como altas de descargas elétricas.

Em decorrência destes raios elétricos estarem relacionados com a expedição do pai de Roy, este é chamado para fazer uma viagem ao espaço, em busca de eliminar esse problema, que representa uma ameaça à humanidade.

## **CONCLUSÃO: A PROPOSIÇÃO DOS PROCESSOS FORMATIVOS COMO PRODUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO**



RELICI

141

O ponto central do filme é que, depois de muito viajar no espaço, Roy parte para encontrar seu pai distante da Terra e, principalmente, para destruir a referida espaçonave que está provocando os raios cósmicos. Nesta busca improvável, o personagem declara ao pai que muito queria encontrá-lo e pergunta-lhe por qual motivo nunca voltara para a Terra. O pai de Roy responde, de maneira direta, que o filho e a mãe nunca tiveram importância para ele e que o objetivo dele era somente encontrar a vida inteligente em outro planeta.

O que Roy elabora nessa situação é que, na insatisfação, o pai que não teve a condição de pensar a vida em decorrência da “burrice” instalada como ponto cego, e que a todo o momento ele teve por perto toda a vida inteligente ao lado dele, mas a negou, pois nunca a valorizou. Sua busca foi para algo que ele nunca encontrou em si mesmo e, ao olhar em sua volta, pelo próprio amor do filho e da esposa que abandonou na Terra. Diz ele que não poderia voltar para Terra enquanto não encontrasse a resposta para vida inteligente no espaço, e Roy responde que ele já encontrou a resposta, que “[...] estamos sozinhos no universo”. Isso promove uma insatisfação no desencontro da verdade, que torna insuportável reconhecer os próprios erros que se encontram presentes na obsessão por provar algo para si mesmo – o orgulho da verdade no campo da ciência.

Isso condiz com a situação da busca de vida inteligente em outros planetas e o encontro com a “vida burra” na Terra. No caso específico do tema em questão, é possível compreender como uma ciência altamente especializada pode produzir sujeitos insensíveis perante a existência do outro. Isso se apresenta como tema de investigação, uma vez que não se sabe os motivos que podem levar um bom sujeito, no exercício de sua atividade como engenheiro, a projetar um “[...] sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz, com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz” (ADORNO, 1995, p. 133). Aqui se encontra a grande questão que se impõe como paradoxo para toda



RELICI

142

corrente pautada no iluminismo do século XVIII, no avanço da ciência e da razão, que em grande parte, ainda nos dias atuais, inspira as nossas ações cotidianas, uma vez esclarecido que o sujeito pode atuar na razão e, principalmente, na certeza da condução de seus atos.

Entretanto, a grande questão do iluminismo é lidar com a presença das contradições que invadem as ações e pensamentos dos sujeitos, tornando-os embrutecidos. Como antídoto dessa situação, dever-se-ia levar mais a sério o aforismo de que as “[...] convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras” (NIETZSCHE, 2000, p. 265). O abandono dessas convicções deveria orientar o campo dos processos formativos como algo que se possa apresentar como condição de se contrapor a ausência do pensamento crítico.

No campo dos processos formativos, é preciso evitar a saída mais rápida e simples para pensar o real e, portanto, evitar a situação de mentir para si mesmo e compreender que a realidade está inserida no campo das contradições e, portanto, exige um intenso e constante trabalho do pensamento.

Toda a insatisfação do sujeito perante o rigor do conceito, mais propriamente, o desgosto pela cultura escolar pode constituir os processos formativos na ausência de pensamento crítico, e isso pode se evidenciar diversos castelos de areia que se constroem em os dogmas em torno de nossas verdades, que se estabelecem como certezas absolutas perante o real. Neste sentido, o trabalho da formação do pensamento crítico seria a desconstrução das verdades absolutas que se encontram estabelecidas no sentido de desbanalizar o banal (GHIRALDELLI, 2019).

## REFERÊNCIAS



RELICI

143

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1985.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth *et alli*. Reflexões sobre a instituição psicanalítica na contemporaneidade. In: KEHL, Maria Rita. (org). *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Trad. Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FONSECA, Rodrigo. Com 'Ad Astra', James Gray pode ir 'aonde nenhum cineasta jamais esteve'. In: Estadão. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/p-de-pop/com-ad-astra-james-gray-pode-chegar-onde-nenhum-cineasta-jamais-esteve/> Acessado em 23 out. 2019.

FREUD, Sigmund. La novela familiar del neurotico. 1908 [1909]. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas Sigmund Freud*. v. II. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *A Filosofia como desbanalização do Brasil*. 2011. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/colunas/filosofia-no-cotidiano/a-filosofia-como-desbanalizacao-do-brasil,256,6967.html>> Acessado em 10 out 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.